

A Universidade e o seu reitor

R. Calpes

MÉXICO, D. F. — O dr. Ignacio Chavez é um homem de ciência, e um humanista. Internacionalmente é conhecido como um cardiologista eminente, uma autoridade mundial em tal especialidade. Embora, com rigor, pudesse dizer-se que a sua verdadeira especialidade é a diversidade do seu saber, o vasto âmbito da sua cultura.

O dr. Chavez foi muitas coisas no México: professor de história, reitor da Universidade de Michoacan, diretor da clínica da Escola Nacional de Medicina, diretor e professor de patologia e de clínica médica e de cardiologia da mesma Faculdade, diretor do Hospital Geral, etc.. E' autor de livros e de estudos, assim como de tratamentos especiais. Mas a sua obra principal é o Instituto Nacional de Cardiologia, estabelecimento sem rival no mundo.

Quando se planeou a sua criação, pouco antes da segunda guerra mundial, o dr. Chavez e os prestigiosos cardiologistas europeus que colaboraram com ele, fizeram os projetos para dois Institutos similares: um a ser construído em França e outro no México. Veio a guerra e este último foi o único que se construiu.

O dr. Chavez fez tudo. Procurou dinheiro, impulsionou as obras, organizou os serviços, assegurou a base financeira do Instituto, pô-lo em marcha. Quando este começou a funcionar, em princípios de 1944, foi nomeado diretor-geral do mesmo. O Instituto era a sua criação, a sua obra exemplar.

O Instituto Nacional de Cardiologia é um hospital especializado e, ao mesmo tempo, um centro de investigação e estudo. Tudo nele funciona com exatidão, sem nenhuma daquelas imprecisões tão frequentes nos nossos países. Trabalham nele médicos eminentes e muitos internos, mexicanos e estrangeiros — entre eles não poucos europeus e norte-americanos —, que ampliam os seus estudos no Instituto. Para se prestarem serviços ao público, o dr. Chavez desembaraçou-se do princípio do tratamento gratuito. Todos os doentes hospitalizados no Instituto ou que vão à sua consulta externa, têm de pagar de acordo com as suas possibilidades económicas. Até o mais pobre deve dar algo, embora seja só um preço simbólico: um peso diário, se não puder dar mais. Se não o tiver, é avisado de que o deve ao Instituto e que terá de pagá-lo quando o tiver. E assim o costuma fazer o pobre. Ultimamente, o Instituto ampliou as suas salas, estendeu os seus serviços, melhorou as suas instalações com os mais recentes progressos da técnica e da ciência.

A Casa de Estudos Mexicanos está magnificamente instalada na moderna e grandiosa Cidade Universitária. Conta com excelentes salas de aula, laboratórios, bibliotecas, vários serviços e conta com um pessoal docente numeroso e muito valioso. Mas o seu excessivo desenvolvimento criou-lhe uma série de graves problemas. Em menos de dez anos, triplicou o número dos alunos, tendo chegado as matrículas neste curso a mais de 60.000, dos quais 35.000 na Universidade propriamente dita e 25.000 nas escolas preparatórias. E' natural que num organismo de tal volume, com uma população estudantil tão numerosa, surjam problemas consideráveis de organização, de disciplina, inclusivamente de moral, e que a sua própria existência dê lugar à de muitos interesses criados. Nestas condições, a Universidade necessitava de recobrar o seu verdadeiro espírito, obviar as dificuldades, eliminar os elementos nocivos que estorvam a sua vida sã: estudantões "fósseis", super-população escolar, multiplicidade de federações estudantis com líderes remunerados, ausência de alguns professores e alunos, deserção escolar, etc.. A Universidade precisava de ter à sua frente um homem de grande envergadura intelectual e de grande capacidade de organizador e de diretor. Esse homem podia ser o dr. Chavez.

Quando se anunciou a sua possível candidatura, todos os interesses em questão, ameaçados, coligaram-se num protesto escandaloso. Entre outras coisas peregrinas, chegou a dizer-se que o dr. Chavez não podia ser reitor porque não era um sábio. Mas a Junta de Governo da Universidade não fez caso dos protestos, que sabia serem artificiais e interesseiros, e nomeou reitor o dr. Chavez. Contra ele choveram então ameaças e até pedras contra a sua casa. Uns chamados líderes dos estudantes ocuparam a Torre da Reitoria e anunciaram que não consentiriam que o dr. Chavez tomasse posse do cargo.

Isso foi precisamente o que decidiu o dr. Chavez a aceitá-lo — "com espírito de humildade, mas também com um impulso de audácia" — e a não recusar a missão que lhe era confiada de servir a Universidade. Qualquer mocetão vociferante — talvez ex-jogador da equipe universitária de futebol americano — é incapaz, com certeza absoluta, de saber que quantidade de energia e de valor pode concentrar um espírito humanista, um homem de ciência sexagenário, chamado a cumprir um nobre dever. O dr. Chavez anunciou que tomaria posse da Reitoria e que imediatamente suprimiria os honorários dos líderes. "Viveremos — disse — uma vida limpa e decorosa. Viveremos uma vida livre".

E, com efeito, o dr. Chavez tomou posse da Reitoria, tranquilamente. A massa de estudantes impôs-se vigorosamente aos que pretendiam impedi-lo.

Imediatamente começou, no seu gabinete da Reitoria, o seu trabalho de direção e de governo. Poucos dias depois, celebrou-se a abertura oficial do curso. Também neste ato solene os estudantes em massa tentaram algumas tentativas de protesto. E o curso começou já normalmente. O dr. Chavez reconhece que a tarefa renovadora que empreendeu não é fácil. Mas entregou-se a ela "lealmente, cabalmente, com fervor de alucinado".

O novo reitor começou por deixar a direção do Instituto Nacional de Cardiologia. Dele conserva, todavia, a recordação da sua obra conseguida. Esta recordação há de servir-lhe, sem dúvida, de guia e de exemplo para levar a cabo a mais completa e árdua tarefa que agora se propõe realizar na Universidade. — (ALA).